CONSTRUÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS E ENSINO HÍBRIDO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

LITERARY READERS DEVELOPMENT AND HYBRID TEACHING: A POSSIBLE RELATION?

Adriane Ester Hoffmann [*]

RESUMO

A proposta deste artigo é discutir possibilidades de formação de leitores literários no contexto de uma era tecnológica, digital, contemporânea, com uma investigação com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, os objetivos desse estudo são: a) pesquisar concepções acerca da construção do leitor literário e do ensino híbrido; b) mapear o perfil leitor de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, de escolas públicas, das redes municipal e estadual, do município de Frederico Westphalen/RS com a finalidade de constatar suas preferências (ou não), necessidades e interesses de leitura; c) conscientizar professores e alunos de que o pensamento é complexo e sobre as possibilidades de ampliar estruturas mentais a partir da leitura literária. Isso posto, o artigo possui como sustentação teórica princípios defendidos por autores como Santaella (2013, 2014, 2015, 2016), Chartier e Chartier (2016), Rösing (2009, 2016, 2017) e Zilberman (2001, 2012, 2016, 2017) que discorrem sobre a ampliação conceitual do ato de ler em diferentes modalidades. Apresentam-se, na sequência, proposições acerca da formação de leitores literários, com estudos desenvolvidos por Rösing (2009, 2016, 2017), Cerrillo (2016, 2017), Zilberman e Lajolo (2017) e Nussbaum (2015). Apontam-se, também, possibilidades a serem desenvolvidas no ensino híbrido, a partir do envolvimento com os textos literários, que contribui para o aprimoramento psicossocial dos indivíduo, com subsídios de Cerutti e Nogaro (2016), Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), Horn e Staker (2015), Coscarelli e Ribeiro (2014), Coll e Monereo (2010) e Vickery (2016). A metodologia utilizada para este estudo é bibliográfica e de pesquisa-ação. Selecionaram-se 17 escolas, 11 da rede estadual e 6 municipal, do Ensino Fundamental, anos finais, do município de Frederico Westphalen/RS, para constituírem-se como público-alvo a responder a um questionário composto por 20 questões objetivas. Foram convidados 800 alunos para opinarem sobre como, o quê, quando e por que eles leem, com o objetivo de delinear seu perfil leitor. Os resultados apontam que a leitura literária é uma prática entre os estudantes, que discordam da forma impositiva e avaliativa com que os professores cobram a leitura. Inferiu-se das respostas o desejo dos alunos de mesclarem atividades presenciais em sala de aula com a utilização do meio digital. Evidenciou-se no olhar dos alunos a importância da utilização de tecnologias na prática docente para elaborar roteiros de aula em que os alunos contatem previamente materiais que se relacionem com o conteúdo que será discutido em sala de aula com a mediação do professor. Essa possibilidade demonstra a utilização pelos alunos de estruturas mentais diferenciadas que podem ser ampliadas a partir das estratégias utilizadas no ensino híbrido. Isso é possível com o desenvolvimento de metodologias ativas que promovam a reflexão e o compartilhamento de aprendizagens, pois estimulam o estudo constante, a independência e a responsabilidade para o trabalho em equipe. Defende-se a circulação dos alunos entre atividades que valorizam peculiaridades do material impresso ao meio digital com sua riqueza de linguagens e de

[*] Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS); Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: adriane@uri.edu.br.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

recursos. A complexidade do pensamento, estudada, entre outros teóricos, pelo pesquisador espanhol César Coll (2010), precisa ser observada, entendida e desenvolvida pelos professores que, contemporaneamente, dividem o protagonismo no processo de aprendizagem com os alunos. Assim, é determinante desenvolver ações pedagógicas entre as quais a leitura que propiciem um entendimento das linguagens de diferentes naturezas e do uso de recursos do meio digital. Por fim, a ampliação de habilidades de leitura mais complexas podem contribuir com a realização efetiva dos princípios sintonizados pelo trinômio educação-cultura-tecnologia.

Palavras-chave: Leitura literária. Ensino Híbrido. Formação de leitores.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the possibilities of literary readers development in the context of a technological, digital, contemporary era, with an investigation with students of the final years of Elementary School. From this perspective, the objectives of this study are: a) to research conceptions about literary readers and hybrid teaching; b) to map the reader profile of students from the final years of students from Public Elementary Schools, municipal and state networks, in the city of Frederico Westphalen / RS in order to verify their preferences (or not), needs and interests of reading; c) to make teachers and students aware that thinking is complex and about the possibilities of expanding mental structures from literary reading. That said, this article presents as theoretical support principles defended by authors such as Santaella (2013, 2014, 2015, 2016), Chartier and Chartier (2016), Rösing (2009, 2016, 2017) and Zilberman (2001, 2012, 2016, 2017)) that discuss the conceptual extension of the act of reading in different modalities. Proposals about the formation of literary readers are presented, with studies developed by Rösing (2009, 2016, 2017), Cerrillo (2016, 2017), Zilberman and Lajolo (2017) and Nussbaum (2015). Also, possibilities to be developed in hybrid education are suggested, from the involvement with literary texts, which contributes to the psychosocial improvement of individuals, with subsidies of Cerutti and Nogaro (2016), Bacich, Tanzi Neto and Trevisani (2015), Horn and Staker (2015), Coscarelli and Ribeiro (2014), Coll and Monereo (2010) and Vickery (2016). The methodology used for this study is bibliographical and action-research. We selected 17 schools, 11 are from the state education network and 6 are from the municipal education network, final years of Elementary Schools of the city of Frederico Westphalen / RS, to be constituted as a target audience to answer a questionnaire composed of 20 objective questions. 800 students were invited to comment on how, what, when and why they read, in order to outline their reader profile. The results point out that literary reading is a practice among students, who disagree with the imposing and evaluative way in which teachers demand for reading. The students' desire to mix face-to-face activities in the classroom with the use of the digital environment was inferred from the answers. The students' view of the importance of using technologies in teaching practice to elaborate lesson plans in which the students previously contact materials that relate to the content that will be discussed in the classroom with the teacher's mediation was evidenced. This possibility demonstrates the student´s use of differentiated mental structures that can be amplified from the strategies used in hybrid teaching. This is possible with the development of active methodologies that promote reflection and sharing of learning, as they stimulate constant study, independence and responsibility for teamwork. The transition of the students between activities that value the peculiarities of the printed material to the digital environment with its richness of languages and resources is defended. The complexity of thinking, studied, among other theoreticians, by the Spanish researcher César Coll (2010), needs to be observed, understood and developed by teachers who, at the same time, share the leading role in the learning process with students. Thus, it is decisive to develop pedagogical actions among which the reading that propitiate an understanding of the languages of different natures and the use of resources of the digital environment. Finally, the expansion of more complex reading skills can contribute to the effective realization of the principles attuned by the education-culture-technology trinomial.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Keywords: Literary reading. Hybrid teaching. Readers development.

Introdução

As tecnologias da informação e da comunicação desencadearam mudanças na sociedade atual do século XXI, nos aspectos social, político, cultural e na forma de organização econômica. As pessoas têm novas maneiras de trabalhar, de comunicar-se, de relacionar-se, de aprender, de pensar e de viver. (COLL; MONEREO, 2010). Esse impacto da incorporação das tecnologias (computadores, dispositivos e redes digitais) afeta também a educação formal e escolar por influenciar psicologicamente estudantes que operam com computadores e realizam tarefas de aprendizagem.

Esses avanços são inegáveis, mas sua inserção em sala de aula ainda é limitada e seu potencial transformador e inovador ainda não atingiu as dinâmicas de trabalho em escolas. O papel das tecnologias na sociedade da informação orienta as políticas de aperfeiçoamento da qualidade de educação, pois o conhecimento passou a ter importância e ser reconhecido.

Se forem observados os agentes sociais pertencentes à escola, professor e alunos assumem papeis distintos pela facilidade que, os últimos, na condição de nativos digitais apresentam no uso dos recursos tecnológicos. Os jovens conseguem agir e interagir em meio às novas formas de ler, de escrever, de se comunicar, de realizar pesquisas na errância dos hipertextos, de compartilhar conhecimentos. Por apresentarem essas competências constituem-se, em um primeiro momento, no grupo a ser trabalhado para garantir melhorias mais significativas na área educacional.

Observado o contexto referido, propõe-se discutir, neste artigo, a ampliação de estruturas mentais na construção de leitores literários entre jovens da era tecnológica, digital, contemporânea. Realiza-se, nesse sentido, uma investigação com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental sobre necessidades, interesses e preferências de leitura que constituem seu perfil leitor. Ao se destacar a leitura de obras literárias, novas dificuldades podem surgir pelo necessário enfrentamento das linguagens empregadas, em meio digital, dominadas pelos alunos e menos utilizadas por um número significativo de professores. Entre as reflexões desencadeadas pelo tema, surge uma questão que norteia a investigação: se mudanças nos modos de ler são resultantes do uso de tecnologias, estas podem desencadear, com a mesma intensidade, o processo de construção de leitores literários em novas dimensões. Para tanto,

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

apresenta-se o ensino híbrido, suas características e especificidades, distinguindo o papel do professor e do estudante em situações de ensino e de aprendizagem na sala de aula e fora dela, no aproveitamento de conteúdos disponibilizados na rede.

Nessa perspectiva, os objetivos desse estudo são: a) pesquisar concepções acerca da construção de leitores literários e de suas possibilidades no contexto do ensino híbrido; b) mapear o perfil leitor de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, de escolas públicas, das redes municipal e estadual, do município de Frederico Westphalen/RS e constatar preferências (ou não) de leitura, necessidades e interesses de leitura; c) conscientizar professores e alunos de que o pensamento é complexo e sobre as possibilidades de ampliar estruturas mentais a partir da leitura literária.

A justificativa pela escolha do tema se deve ao fato de se defender que a escola é lugar de excelência para efetivar situações de interação em que os alunos em formação possam desenvolver suas competências de leitura, sem se desconsiderar que fora da escola também se criam situações de aprendizagem empregando o uso de tecnologias. Com isso, pretende-se, também, valorizar a existência de saberes pessoais no processo de significação dos textos, com especial atenção aos textos literários, independentemente do suporte em que sejam apresentados.

A escolha por escolas públicas se justifica pelo fato de a pesquisadora integrar o quadro docente, por mais de duas décadas, de uma das escolas selecionadas. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir com as discussões teórico-práticas acerca da leitura, redimensionando a prática docente, sobre questões de leitura entre os pares a partir das experiências sugeridas pelos alunos. A opção pelo nível fundamental, anos finais, deve-se ao fato de que, à medida que os estudantes avançam na escolaridade, menor interesse demonstram pela leitura na escola, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao invés de aproximá-los, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros.

Justifica-se, também, pelo fato de se considerar o texto enquanto unidade de sentido, como reunião de informações, transformadas em conhecimento, significadas pelo leitor, por meio de perguntas e respostas. Tem-se o entendimento de que a escola prioriza o texto impresso, enquanto os estudantes estão conectados com a internet e às redes sociais. Assim, os estudantes incluem, em suas leituras, indicações dos integrantes de suas tribos, às quais têm acesso por meio dos equipamentos móveis. A escola, pelo desempenho docente, não aproveita o potencial inerente a práticas de leitura dos estudantes nas redes sociais, o que se

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

comprova pelos baixos ou índices de leitura no Brasil e no mundo.

A partir dessas constatações, o presente artigo fundamenta-se em princípios desenvolvidos por pesquisadores que discorrem sobre leitura na era digital, leitura literária e ensino híbrido. Entre os pesquisadores escolhidos, que desenvolveram concepções de leitura na era tecnológica encontram-se Santaella (2013, 2014, 2015, 2016), Chartier e Chartier (2016), Rösing (2009, 2016, 2017) e Zilberman (2001, 2012, 2016, 2017).

A escolha pela formação de leitores literários também é objeto deste estudo. Selecionaram-se discussões sobre a leitura literária e a formação do leitor literário desenvolvidas por Rösing (2009, 2016, 2017), Cerrillo (2016, 2017), Zilberman e Lajolo (2017) e Nussbaum (2015).

Na sequência, apresentam-se as possibilidades apontadas pelo ensino híbrido, para utilizar as metodologias ativas como contribuição no aprimoramento cognitivo do estudante, que pode ser em forma de vídeos, leituras, atividades realizadas antes da aula. O professor tem a função de mediador em um processo contínuo e progressivo. Para o desenvolvimento de tais concepções, foram utilizados estudos dos autores Cerutti e Nogaro (2016), Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), Horn e Staker (2015), Coscarelli e Ribeiro (2014), Coll e Monereo (2010) e Vickery (2016).

A presente investigação foi desenvolvida em 11 escolas estaduais e em 06 municipais, totalizando 17 escolas investigadas. O público-alvo foi constituído de estudantes de 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, do município de Frederico Westphalen/RS, perfazendo um total de 800 alunos entrevistados: 277 do 6º ano, 237 do 7º, 225 do 8º e 204 do 9º ano. Foi aplicado um questionário com 20 questões objetivas para analisar as preferências de leitura, necessidades e interesses do público-alvo. Além disso, pretende-se identificar a forma pela qual os professores incentivam a leitura e que recursos utilizam nesse processo de formação de leitor.

Fundamentos teóricos

A leitura é uma prática social que, com sua diversidade, viabiliza o acesso ao conhecimento, incita reflexões e mobiliza emoções. Na sociedade do século XXI tem-se como desafio em relação ao ato de ler, o da leitura enquanto prática, ato e ação de um leitor

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

alfabetizado e habilitado às tecnologias. O comportamento desse leitor contemporâneo, que tem acesso à multiplicidade de informações e de linguagens alterou seu perfil.

Os modos de ler estão delineados pelos novos suportes tecnológicos, o que faz com que leitores assumam papeis desafiadores. Eles se transformam em protagonistas do processo de compreensão e entendimento do mundo. A leitura literária, nesse contexto, pode ser compreendida como um instrumento que favorece a articulação e o desenvolvimento de ações que potencializam a competência leitora dos sujeitos.

Nesta perspectiva, o artigo tem como foco o ato de ler desenvolvido contemporaneamente e o perfil do leitor no mundo das tecnologias. Também, aborda a leitura literária e a importância dela para a constituição da identidade do estudante, neste caso, dos anos finais do Ensino Fundamental. Por fim, apresenta o ensino híbrido como uma possibilidade de propor modelos mais inovadores a serem utilizados no processo de construção do leitor literário que vislumbra o uso de novas práticas pedagógicas com protagonismo desse estudante.

Leitura: contemporaneidade e suas nuances

A história do livro e da leitura continua despertando interesse de pesquisadores mesmo a partir do momento em que surgem novos suportes e novas estruturas para veicular o texto escrito. Esse fato propicia dúvidas em relação à permanência (ou não) do livro impresso. Santaella (2015) expõe essa preocupação e destaca a relevância de se conceber que há novos leitores de livros impressos e de imagens. Dessa forma, a autora delineia o perfil cognitivo do novo leitor e amplia a concepção de prática da leitura. Distingue três tipos principais de leitores: contemplativo, movente e imersivo. Ressalta, no entanto, que embora haja uma sequencialidade histórica para o surgimento de cada um dos tipos de leitores, não há a exclusão de um quando do aparecimento de outro. Afirma, ainda que o leitor pode acumular características de cada um dos tipos, de forma recíproca.

Ao definir o leitor contemplativo, que também é meditativo, Santaella (2015) afirma que, até o século XII, havia o monopólio da cultura livresca e o leitor realizava leituras silenciosas e desenvolvia um vínculo com o livro, o que permitiu que pudesse avançar em suas escolhas, de textos mais simples aos mais complexos.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

O leitor movente, fragmentado, surgiu após a Revolução Industrial. As cidades se modernizaram, o consumo e a moda estabeleceram uma nova identidade ao homem moderno, que passeia por essas inovações com um olhar contemplativo. Nesse segundo tipo de leitor, suas percepções são instáveis, fugazes e de intensidades diferentes. É um leitor "apressado, de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas". (SANTAELLA, 2015, p. 29).

O leitor imersivo, virtual, surgiu na era digital, na entrada do século XXI. Seu suporte é a multimídia e sua linguagem é a da hipermídia, repleta de textos, imagens, vídeos e sons. Diferente dos outros leitores, esse tem a tela diante de si, que se movimenta verticalmente e possui liberdade entre nexos, direções e rotas. Santaella (2015) ressalta que é um modo novo de ler, em que o leitor navega em uma tela, programa leituras e precisa cuidar para não se perder no percurso da rota desejada. A pesquisadora destaca que o ciberespaço tem a capacidade de reunir e concentrar meios de comunicação múltiplos e interfaces gráficas dos usuários. Por isso, é considerado um mundo virtual global coerente e independente. Após definir três tipos de leitores, Santaella (2016) delineia traços peculiares a um novo modo de ler dos cibernautas e afirma que as comunidades virtuais ampliaram-se para inovações tecnológicas e essa conectividade foi determinante no surgimento do leitor ubíquo, que mistura características do leitor movente e do leitor imersivo. Esse leitor ubíquo é capaz de realizar multitarefas, pois responde à pluralidade de estímulos em um ambiente informacional complexo, utiliza equipamentos móveis e reúne em si os perfis cognitivos dos leitores que o precederam. Propõe Santaella, nessa caracterização, que devem ser desenvolvidos diferentes tipos de leitor em um mesmo leitor.

A partir disso, depreende-se que a evolução nos modos de ler está interligada à ampliação dos suportes do livro e do uso das tecnologias. O jovem, em contato com novas possibilidades de ler e de escolher suas leituras, desenvolve um perfil cognitivo diferenciado, pois tem facilidade de se relacionar com o ambiente digital, diferentemente de seus pais e de seus professores.

Outros autores que discorrem acerca das modificações ocorridas na concepção de leitura são Chartier e Chartier (2016), que enfatizam que a revolução digital modificou os suportes de escrita, as técnicas de reprodução e disseminação de informações, além da maneira de ler. O que se apresenta hoje são fragmentos de textos que aparecem nas telas e possuem composições singulares e efêmeras, apresentados na tela ou rompidos por vontade do leitor/navegador.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Os autores defendem que o mundo digital outorga a colaboração do leitor, pois "permite a digitalização dos textos já escritos, a produção de textos nascidos como digitais ou práticas de escrituras inéditas, tal como as dos *blogs* e redes sociais". (CHARTIER; CHARTIER, 2016, p. 61). A leitura, diante da tela é descontínua, segmentada, no entanto, é possível o leitor ser um sujeito ativo na aquisição de seu conhecimento, uma vez que lhe é dada a possibilidade de interpretar imagens, ler um texto, guardar informações na memória, selecionar o que achar importante, relacioná-las com as que já possuía e realizar conexões para a construção de seu conhecimento.

Essas habilidades do jovem deveriam ser exploradas no cenário educacional, porque seria importante a escola aproveitar o que a sociedade atual oferece e desenvolver um aprendizado colaborativo e cooperativo. O estudante participa da sala de aula e o faz sem entusiasmo: domina as tecnologias e não é desafiado a usar as ambiências digitais a serviço da ampliação do conhecimento sugerido timidamente pela escola. Interage com distintos grupos com o mesmo potencial, cujos conhecimentos construídos coletivamente poderiam ser aproveitados para a ampliação das propostas da escola.

Em um mundo marcado pela conexão, Rösing (2016, p. 167) afirma que há diversidade de informações e o seu compartilhamento pode ser feito de diferentes maneiras, "promovendo a emergência de leitores em liberdade e de leitores com liberdade para aprender". Ressalta, no entanto, que é preciso que a aprendizagem esteja contextualizada, que haja interlocução entre educadores e estudantes. Isso, porque o acesso a equipamentos móveis permite que a aprendizagem aconteça em qualquer lugar.

Nesse sentido, o desafio é a escola proporcionar atividades para que o estudante possa aproveitar o que sabe e desenvolver tarefas individuais e coletivas, baseadas na cooperação. É importante o professor abandonar o papel de transmissor de informação e assumir a condição de seletor de recursos disponíveis, consultor para esclarecer dúvidas, orientador de projetos e mediador de debates e discussões.

A discussão sobre a permanência da leitura do texto impresso é discutida por Zilberman (2001) há mais de uma década, quando questionava se as multimídias interativas surgiriam para anunciar o fim da era dos livros. Com o passar do tempo, entendeu-se que o processo de leitura transmitido pela tela é mais complexo do que o sugerido pelo livro. Com esse princípio, Zilberman (2012, p. 230) esclarece que "os conteúdos dispostos nas telas não são lineares, apresentam-se de modo concomitante e não precisam estabelecer relações uns com

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

os outros". Segundo a autora, é no universo digital que a produção literária se expande através de *blogs*, revistas eletrônicas, *sites* pessoais, redes sociais; a disponibilização de obras na *web* expande a abrangência e leitores de diferentes localizações podem ter acesso. Ou seja, "no universo digital e na cibercultura há lugar para (quase) tudo, pois não existe censura, nem proibições, museus e obras clássicas reproduzem-se sem custo". (p. 232).

É necessário, porém, participar da era tecnológica sem abrir mão da experiência literária, principalmente aquela que estimula a imaginação e descortina caminhos novos para a fantasia. Na contemporaneidade, segundo Zilberman (2016), não faz sentido opor livros impressos e ferramentas digitais, pois possuem linguagens distintas, duas materialidades que se complementam e ampliam a concepção de leitura.

Nessa perspectiva, o impacto das tecnologias sobre a educação é muito grande, o que gera novas necessidades e novos interesses por parte dos estudantes. A educação, assim, deveria ensinar aos jovens a interagir com o mundo em que está inserido e auxiliar na resolução de problemas. As tecnologias deveriam estar disponíveis para mediar a interação entre professor, aluno e conteúdo, o que ainda não é uma determinante na ação docente.

Zilberman e Lajolo (2017, p. 32) alertam para o fato de que o processo de comunicação digital, que se concretiza em múltiplas plataformas, impõe novas sensibilidades e "formas de percepção, facilitando a associação entre texto e imagem. Inclui também a possibilidade de articulação entre texto, movimento, som e a terceira dimensão". Esse cenário digital auxilia no surgimento de criação de alternativas para produção e circulação de hipertextos.

Assim, nessa seção, após revisitar concepções do ato de ler contemporâneo, explicitando modificações ocorridas pela presença da tecnologia, apresenta-se, na sequência, a leitura literária e em que medida ela auxilia para a formação do cidadão nos dias de hoje.

Leitura literária: da literariedade à humanização

A leitura é um aprendizado exigente e complexo como a vida. Esse aprendizado surge do contato com situações que a realidade impõe e da forma como se atua nela, quando se estabelecem relações entre as experiências e busca-se resolver problemas do dia-a-dia. Assim, para esta pesquisa, o que importa é de que forma se processa a construção da leitura literária entre leitores em formação que almejam desenvolverem-se como cidadãos críticos.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Esse desafio envolve conhecimento de diferentes suportes e de especificidades da linguagem. Na contemporaneidade, é preciso pensar de que forma a tecnologia pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem do estudante. Isso impõe ritmo e níveis de leitura diferenciados em que o coletivo é mais importante que o individual. Tais aspectos estão explicitados neste segmento, que destaca a importância da leitura literária para as pessoas.

Diante de tais características, formar leitores literários, em uma era permeada por imagens e por tecnologia, é um desafio que se impõe às escolas. A aprendizagem, nesse processo, acontece com a formação de leitores mais críticos, com capacidade de interação, com pluralidade de linguagens e com habilidade de entendimento de estruturas hipertextuais. Isso ocorre porque as características dessas estruturas são não-lineares, não-sequenciais e estarem compostas por *links*, que possibilitam a navegação e a construção de aprendizagem.

Os benefícios da leitura literária, segundo Rösing (2009), envolvem textos que apresentam cenários com os quais as pessoas podem refletir sobre sua existência, sobre o outro, como se pode melhorar a participação de cada um no mundo e como melhorar o mundo em seu entorno. Ainda, destaca a importância de convencer docentes a utilizarem os recursos que a contemporaneidade oferece como adaptações de obras literárias para a televisão e cinema, além de manifestações literárias presentes em *blogs*, redes sociais, *youtube* e visitação virtual em museus para conhecimento de acervos. Assim, o mediador de leitura aproveita os recursos tecnológicos disponíveis e se apropria de um repertório rico e diversificado para oferecer ao leitor.

Essa nova concepção confirma que as habilidades de leitura e de escrita, desenvolvidas pela escola, devem transformar-se em capacidades cognitivas, universalizando o desenvolvimento das pessoas. O acesso de textos na internet promove práticas cotidianas que auxiliam a organização do pensamento e desenvolvem formas de comunicação. Destaca-se que as tecnologias contribuem para orientar o desenvolvimento humano e a escola precisa adaptar-se a essas mudanças que estão sendo trazidas para o ambiente escolar pelo estudante e será por ele que esse processo irá se efetivar.

É certo, que, como aponta Cerrilo (2010), há muitos leitores na atualidade. Porém, as políticas de incentivo à leitura formam, muitas vezes, apenas consumidores. Ser leitor não é apenas conhecer os mecanismos que possibilitam unir letras, sílabas e palavras para distribuí-las corretamente em orações, com o uso correto de normas gramaticais. As pessoas podem ser

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

consideradas leitoras quando "são capazes de explorar e decifrar um texto escrito associando-o às próprias experiências e vivências". (CERRILLO, 2016, p. 10, tradução nossa)[1]. Só assim, o leitor poderá será reconhecido como leitor literário, aquele que, quando gosta de um livro, não se deixa influenciar por campanhas de divulgação de natureza publicitária.

Nesse processo, a leitura literária "possibilita ao leitor a construção de um mundo imaginário próprio, dando respostas às suas necessidades em todas as idades". (CERRILLO, 2016, p. 14, tradução nossa)[2]. Ainda, para o autor, essas características auxiliam o leitor a aprimorar sentimentos, ideias, imaginação, experimentar sensações e viajar por mundos e épocas diferentes.

A partir da visão de Cerrillo (2016) destaca-se a função social que a leitura literária tem, por proporcionar momentos de diálogos e reflexões sobre o mundo e sobre as pessoas, possibilita que o leitor perceba, "pelos olhos do escritor, diferentes formas de expressar sentimentos comuns a todas as pessoas, sem diferenças de condição social, raça, cultura, língua e ideologia". (CERRILLO, 2016, p. 19, tradução nossa)[3]. Evidencia-se que, na contemporaneidade, a televisão, as redes sociais, as séries televisivas e a internet móvel também oferecem possibilidades e facilidades para que a leitura auxilie no processo de construção da personalidade do leitor e proporcionem marcos de referência para interpretar o mundo.

Observando essas considerações importantes, objetiva-se reforçar que crianças e adolescentes, ao terem acesso e ao usar a internet, dominando, assim, ambiências virtuais, ampliam suas possibilidades de participação em novos âmbitos comunitários, o que impacta na prática da leitura e da escrita. A escola, nesse processo, não aproveita o conhecimento desenvolvido pelo estudante para aprimorá-lo e transformá-lo em aprendizagem efetivamente.

Assim, formar leitores de textos literários na era da imagem e da sofisticação tecnológica é possível à medida que se valorizem os textos em diferentes suportes com linguagens variadas. Rösing (1999) declara que tais características auxiliam na formação de leitores mais críticos, capazes de interagir com essa pluralidade. O leitor, na contemporaneidade, possui habilidades que são ampliadas e diversificadas por estar em contato com estruturas hipertextuais, que apresentam textos desconexos, fragmentados e ele pode navegar no âmbito do texto e/ou de sua ciberapresentação.

Em vista disso, sabe-se que a literatura é um produto da criação do homem que, por seu intermédio, expõe sentimentos, convenções, normas, crenças, critérios expressivos e

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

comunicativos. E a competência leitora acontece a partir do estudo e da identificação da literariedade dos textos, nos aspectos referentes à estrutura da obra literária, ao seu gênero, à sua época e ao seu autor, em novas dimensões.

A escola, assim, ao utilizar em seu processo educativo a hipertextualidade da rede vai auxiliar para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita dos estudantes. Essa vontade do jovem de que a escola se modernize e que permita utilizar recursos tecnológicos para ampliar sua aprendizagem está causando impactos na educação. Acredita-se que é o aluno que será o protagonista dessas mudanças, pois será dele a iniciativa de cobrar que o ambiente escolar seja um espaço democrático e modernizado.

O ensino da literatura, nessa perspectiva, desenvolve a competência literária quando tiverem subjacentes os seguintes aspectos que auxiliam na recepção de textos: experiência prévia do leitor, relação do texto com o contexto, transmissão oral e escrita da obra em estudo, o gênero literário a que pertence a obra, convenções literárias, recursos estilísticos, o suporte em que a obra está disponível. Assim, o leitor torna-se um leitor competente e tem capacidade para interpretar, analisar, valorizar e criticar uma obra literária. Sobre isso, evidencia Cerrillo (2016),

> ler é viver. Escrever também é viver e sentir-se vivo. Isso, porque compartilhamos mundos como emissores e receptores. Ler e escrever são fontes inesgotáveis de conhecimento. São, ainda, possibilidades de exercícios de liberdade de expressão, de imaginação, de sonhos; de criticar ordens estabelecidas, pois quando escrevemos e lemos, exercitamos nossa prática leitora e escritora. (CERRILLO, 2016, p. 150, tradução nossa)[4].

No século XXI, é importante que se desenvolva a competência leitora, tendo em mente que o leitor da atualidade tem acesso à informação pela internet, mas não constrói conhecimento. Esse papel é do sistema educacional, para auxiliar os estudantes a distinguirem informações importantes das banais. O professor, assim, com a seleção de textos, pode auxiliar a formação de leitores críticos, competentes e cidadãos comprometidos e ativos na sociedade. Acredita-se que a inovação tecnológica interfere na concepção do novo leitor que, acesso a toda e qualquer informação, busca na literatura entender e explicar que o ser humano pertence e sempre pertenceu a uma coletividade com marcas socioculturais próprias.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Em vista disso, as sociedades democráticas estão sofrendo mudanças no sistema educacional, segundo Nussbaum (2015) por não estarem desenvolvendo competências importantes para a manutenção da democracia, pois os setores não estão mais investindo na formação de cidadãos íntegros, que "possam pensar por si próprios, criticar a tradição e entender o significado dos sofrimentos e das realizações dos outros". (NUSSBAUM, 2015, p. 4).

Acredita-se que na Educação Básica as humanidades e as artes estão sendo eliminadas pelo fato de as políticas públicas estarem interessadas na competitividade e não no desenvolvimento dos aspectos construtivo e criativo do cidadão. Ressalta, no entanto, a importância de os estudantes conseguirem se relacionar em um mundo complexo, permeado pelo conhecimento factual e pela lógica.

As pessoas conseguirão desempenhar seu papel quando tiverem contato com as artes para estimular seu autodesenvolvimento e para aprimorar sua receptividade para com o outro. Destaca que a literatura estimula a compreensão de diferentes formas, como pintura, música e dança. Esse "olhar interior". (NUSSBAUM, 2015, p. 108), instigado e desenvolvido pelas artes, auxilia para se discutir questões relacionadas a gênero, raça, etnia e experiências transculturais.

No cenário educacional, as humanidades podem ser desenvolvidas de forma mais efetiva e atraente, à medida que professores e alunos utilizarem as tecnologias para desenvolvimento de tarefas de aprendizagem, uma vez que os alunos transformam-se em sujeitos ativos de sua construção de conhecimentos e os professores mediadores e orientadores nessa evolução.

Esta seção apresentou a importância que a literatura exerce na formação de um leitor ciente de seu papel na sociedade e conectado às inovações tecnológicas. A consolidação da humanização do estudante contemporâneo pela literatura é o que se defende neste estudo e que a escola precisa proporcionar espaço para esse novo leitor das telas. Na sequência, apresentam-se considerações sobre o ensino híbrido e como as metodologias ativas podem auxiliar na construção de leitores literários.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

No contexto social atual, em que o avanço das tecnologias está se potencializando, é importante refletir de que forma as instituições escolares podem mudar suas práticas pedagógicas para conseguir proporcionar novas redes de conhecimento aos estudantes. Uma das possibilidades é a utilização de metodologias ativas de aprendizagem por estarem alicerçadas no princípio de autonomia do sujeito e permitirem que ele possa ser capaz de conduzir seu processo de construção do conhecimento e de acesso a ele.

Em vista disso, destaca-se que o ensino híbrido tem como princípio basear-se "em experiências físicas, ou presenciais, para fornecer apoio e sustentação para estudantes que aprendem nessa modalidade". (HORN; STAKER, 2015, p. 32). Na tentativa de ampliar tal definição, os autores Cerutti e Nogaro (2016) declaram que a sociedade contemporânea possui complexidades, o que gera reflexões em torno do ensinar e do aprender. A crença no potencial do aluno propicia-lhe um protagonismo que permite destaque à aprendizagem. Afirmam que a cibercultura impõe mudanças relacionadas à oferta de informação, que está em diferentes espaços e suportes, por isso apontam que não se tem uma "concepção pronta de como educar na cibercultura, mas é preciso repensar métodos que estão sendo utilizados e os que devem ser inseridos e adaptados nesse novo contexto". (CERUTTI; NOGARO, 2016, p. 25). Assim, os professores precisam ter consciência dessa nova realidade em que a educação está inserida, numa circulação permanente entre o físico e o virtual.

Nessa perspectiva, o ensino híbrido possui potencialidades para transformar, inovar e melhorar as práticas educacionais se a tecnologia for explorada em contextos de uso para gerar dinâmicas de inovação e aperfeiçoamento. Assim, a tecnologia precisa ser aceita pela escola para que possa considerá-la uma ferramenta que vai auxiliar no aprimoramento do pensar, do sentir e do agir individual e coletivamente.

Coscarelli e Ribeiro (2014) também discorrem sobre a importância da escola repensar o ensino, aliando o presencial com a modalidade *on line*. Destacam que integrar essas duas modalidades, em sala de aula, deve ser feito de forma cuidadosa, pelo fato de que a escola "empresta conceitos da sociedade do impresso e repensa os impactos da escrita em meio digital". (COSCARELLI; RIBEIRO, 2014, p. 9). Ainda, que as tecnologias oferecem diversidade de programas para exibir imagens e textos e para escrever e/ou diagramar, mas a internet disponibiliza um novo ambiente de leitura e de escrita.

A escola, ao oferecer ambiente favorável ao desenvolvimento de potencialidade dos alunos, necessita levar para o ambiente de sala de aula as tecnologias para auxiliar o estudante

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

a procurar informações, acessá-las, representá-las, processá-las, transmiti-las e compartilhá-las. Esse processo, com a mediação do professor, introduz importantes modificações no processo de aprendizagem.

Os autores Horn e Staker (2015) também afirmam que o ensino híbrido é uma concepção pedagógica que une atividades presenciais e atividades desenvolvidas no meio digital. Essa inovação de abordagem focaliza o processo de aprendizagem em que o estudante pode estudar o conteúdo da escola em diferentes situações e ambientes. A sala de aula transforma-se em um espaço de aprendizagem ativa com o auxílio do professor. O estudante assume uma postura participativa, resolve problemas, desenvolve projetos e constrói seu conhecimento.

Destaca-se que a incorporação de ferramentas tecnológicas em um processo educativo auxilia ao desenvolvimento de atividades feitas de forma conjunta entre professores e estudantes. Aliar conteúdo e ferramentas tecnológicas, além de mediar relações contribui para a construção de uma aprendizagem interativa, eficiente e produtiva.

O professor assume a postura de mediador que contribui para que o estudante desenvolva competências para viver na sociedade do conhecimento. Valente (2015) afirma que, no ensino híbrido, o estudante tem acesso à informação, podendo transformá-la em conhecimento mesmo antes de ir para a sala de aula, com ou sem orientação do professor. O autor, a partir dessa possibilidade, aponta vantagens, como: a viabilidade de o estudante aprimorar seu conhecimento e em ritmo próprio; a autonomia que vai se constituindo como uma prática a partir da resolução de tarefas para, ao se direcionar para a sala de aula, utilizar esse espaço com o intuito de esclarecer dúvidas e aprofundar conhecimentos. Essa concepção ainda está distante da prática efetiva dos professores nas escolas, pois utilizam as tecnologias como reforço de sua prática educacional existente e não como um subsídio em que estudantes possam ser protagonistas de sua aprendizagem.

Outro autor que estuda profundamente a importância de uma aprendizagem ativa é Moran (2015, p. 27), defende que a educação, desde sua origem, foi misturada, híbrida e que sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. A inserção da conectividade ampliou o processo educacional e possibilitou que se ensine e aprenda de inúmeras formas em diferentes momentos e distintos espaços.

A aprendizagem, nessa perspectiva, se desenvolve com motivações intrínsecas e extrínsecas. Diante dessa inovação, há uma proposta com modelos educacionais integrados.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

As metodologias ativas de ensino e de aprendizagem surgem para auxiliar no percurso individual e grupal. As atividades vão se tornando mais complexas à medida que vão sendo tomadas a partir de decisões e de avaliações dos resultados.

Os desafios do ensino híbrido constituem-se em pesquisar, avaliar situações, realizar escolhas, correr riscos, descobrir e aprender com as atividades desenvolvidas. Os benefícios que a tecnologia traz dizem respeito à integração de espaços e tempos. Moran (2015, p. 39) afirma que "o ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital". Destaca que é um espaço estendido, é uma sala de aula ampliada e que se mescla, se hibridiza frequentemente.

A inovação que o ensino híbrido propõe está relacionada à promoção de novas formas de aprender e de ensinar. Isso implica afirmar que as tecnologias podem modificar o ritmo e a eficácia do processo da aprendizagem, se o professor aceitar o desafio de incorporar em sua prática pedagógica o recurso tecnológico e possibilitar ao estudante a construção de seu caminho sozinho e com os outros e o professor aceitar ser mediador nesse processo, como parte da tríade aluno-conteúdo-professor, sem deixar de observar os diferentes contextos nela envolvidos.

As metodologias ativas de aprendizagem podem tornar possível esse processo, uma vez que auxiliam o estudante a ter autonomia em sua formação. De acordo com Illeris (2013), na contemporaneidade, a aprendizagem compreende a aquisição de conhecimentos e de habilidades, além de aprimoramento das dimensões emocionais e sociais. Assim, o desafio da educação é, nessa complexidade, formar um sujeito ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado, o que pode ser viabilizado, também, pelo envolvimento com o texto literário.

Essa nova cultura da aprendizagem permite que a escola auxilie o estudante a organizar e atribuir significados às informações disponíveis na internet, já dominadas por esse jovem. No entanto, ainda está distante a efetivação da prática da escola capacitar o jovem a ir além da transmissão de conhecimentos e auxiliá-lo a enfrentar os desafios que a sociedade apresenta a ele. Isso se realiza por meio de ações educacionais de desenvolvimento e aquisição de capacidades de procurar, selecionar, interpretar informações e construir conhecimento.

Em relação ao processo de aprendizagem, outra autora que discorre sobre as vantagens do uso de tecnologias na educação é Vickery (2016, p. 3). Ressalta que as tecnologias auxiliam o desenvolvimento do pensamento, uma vez que "a inteligência não é fixa e que as

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

habilidades cognitivas das crianças podem ser desenvolvidas se elas aprenderem a pensar". Dessa forma, os professores assumem o papel de mediadores e auxiliam as crianças a pensarem e aprenderem, "ajudando-as a filtrar e interpretar as informações de um conjunto de tarefas que focaliza funções cognitivas específicas". (VICKERY, 2016, p. 3).

Assim, a forma de o professor auxiliar é desenvolver estratégias de aprimoramento da linguagem para que o estudante possa descrever seu pensamento. Isso é possível por meio de "modelagem, de intervenção, de orientação do debate e do incentivo à colaboração e à reflexão". (VICKERY, 2016, p. 8). O estudante, independentemente da idade e do desempenho, se beneficia de uma educação que desenvolve habilidades de pensamento, pois fica focado, consciente de si e do outro, é mais curioso, perseverante, reflexivo e confiante.

O papel da escola e de sua forma de desenvolver os processos de aprendizagem está se modificando, pois os ambientes dessa nova era aliam formato presencial e virtual, o que está sendo uma tarefa complexa, devido à quantidade, qualidade e rapidez com que as mudanças estão surgindo. Com isso, o estudante, que está familiarizado com as inovações tecnológicas, não aceita que a sala de aula seja um espaço para busca de informações que ele mesmo pode buscar. Acredita-se que o professor também precisa dominar as tecnologias para enriquecer sua prática pedagógica e auxiliar o estudante em sua aprendizagem.

O impacto das tecnologias na educação é um fenômeno amplo e está relacionado com o papel que essas tecnologias possuem na sociedade atual. Coll e Monero (2010, p. 41) ressaltam a importância de que as informações disponíveis na internet sejam filtradas, ordenadas, selecionadas e contextualizadas, "para que possam ser assimiladas e transformadas em conhecimento pelos aprendizes". O professor, nesse contexto, necessita aprender a dominar e valorizar as tecnologias como formas de representação do conhecimento e como ferramenta que auxilia na reorganização das funções cognitivas. A aprendizagem, assim, é o resultado do envolvimento do professor com o estudante de forma colaborativa, interativa e construtiva, pois proporciona auxílios educacionais para aprimorar novas formas de pensar.

O papel do professor consiste, nesse contexto, em incorporar, na docência, a qualidade, quantidade e diversidade de materiais disponíveis na internet para poder auxiliar o estudante na busca por respostas aos seus interesses e necessidades. Com isso, sua formação, independente se ela está dentro ou fora da escola, terá qualidade e auxiliará na construção de um cidadão crítico.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Intentou-se, nesta seção, resgatar o surgimento do ensino híbrido no que tange às metodologias ativas de ensino e apresentar concepções de aprendizagem que são basilares para a formação de leitores.

Metodologia

Nesta seção, descrevem-se os procedimentos que foram adotados para a operacionalização da investigação científica. A natureza da pesquisa que se desenvolveu foi aplicada, pelo fato de a pesquisadora integrar o quadro docente de uma escola estadual e ter escolhido o universo escolar de escolas públicas de Ensino Fundamental, anos finais, do município de Frederico Westphalen/RS.

Quanto aos objetivos, é exploratória e descritiva. Assim, realizou-se diagnóstico, por meio da aplicação de questionário, para investigar se os alunos, alvo da investigação, são leitores e se o são de obras literárias. Os procedimentos técnicos escolhidos para esta pesquisa foram: pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação. Nesse sentido, autores renomados constituem-se como referência para o estudo das concepções de leitura, de formação de leitor, da leitura literária e do ensino híbrido. Declara-se, também, na sequência, que o outro procedimento técnico de pesquisa foi o da pesquisa-ação.

Na coleta de dados, elaborou-se um questionário com questões objetivas para, a partir dos resultados desse instrumento, definir as práticas de leitura, que serão alvo de outro estudo. As seis primeiras perguntas referiam-se a dados pessoais do estudante, e da escola. Acrescentaram-se outras seis questões que identificaram se o estudante gosta de ler, se ele se considera leitor, quais os assuntos que gosta de ler, quantos livros lê por mês e de onde vêm os livros que ele lê.

Três questões buscaram levantar a opinião do estudante sobre as atividades de incentivo à leitura realizadas pela escola, para se obter informações se a leitura é concebida como prática obrigatória ou como atividade prazerosa. As últimas quatro questões apresentaram gêneros textuais variados em que a competência leitora foi testada.

A abordagem é qualitativa, pois pretendeu-se, a partir dos dados do questionário, analisar preferências e hábitos do público envolvido, para apresentar as conclusões a que a

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

pesquisadora chegou. Objetiva-se, também, em outro estudo, ter a oportunidade de aplicar situações de leitura para ampliar as preferências dos leitores.

Resultados/Discussão

Os dados da pesquisa foram coletados a partir de um questionário constituído por vinte (20) questões objetivas, sem identificação dos sujeitos, aplicado em 17 escolas, sendo 11 estaduais e 6 municipais, totalizando 800 alunos entrevistados.

Assim, 196 estudantes do 6º ano responderam ao questionário. Desses, 100 eram do sexo feminino e a média de idade deles era de 11 anos, o que condiz com o ano escolar. Em relação ao gosto pela leitura, 140 afirmaram que gostam de ler, 20 não responderam e 36 assinalaram não gostar de ler. Depreende-se que, nesse ano, os estudantes possuem afinidade com a leitura, pois o item dos livros literários foi o mais citado.

Houve diversidade na escolha dos assuntos assinalados, porém aventura e terror foram os preferidos. O gosto pela aventura é peculiar à faixa etária. Na contemporaneidade, há uma diversidade de obras, sagas e *games* que estimulam o contato com narrativas como as citadas pelos alunos. Rösing (2016, p. 157) afirma que essas obras constituem-se em uma "releitura da realidade que não é estimulada pela escola". A fantasia é deixada de lado em detrimento de conteúdos que precisam ser ensinados.

Ao serem questionados sobre o número de livros lidos por mês, 86 estudantes responderam que leem 2 obras, 10 leem 3 e 70 leem 1; 30 deixaram em branco. Há uma consonância entre essa resposta e aquela em que os estudantes afirmavam que se consideravam leitores. Os livros lidos pelos estudantes são retirados em bibliotecas públicas ou escolares. Destaca-se que muitos alunos assinalaram mais de uma opção nessa questão, demonstrando que, quando se deseja ler, compra-se ou pede-se emprestado.

A pergunta realizada sobre o fato de se considerarem leitores, 150 afirmaram que sim e 36 que não, 10 assinalaram as duas alternativas. Retomando a questão que perguntava se gostavam de ler, alguns responderam que sim, mas disseram que não são leitores. A união desses dois questionamentos evidencia que muitos alunos gostam de ler sem serem leitores, paradoxo que sugere que eles não têm definida a concepção do que seja ler, ser leitor. Essa questão é corroborada por Santaella (2014, p. 2) quando afirma que "fora e além do livro, há

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente". Percebeu-se que os estudantes ainda possuem a concepção de que ser leitor implica apenas ler obras literárias impressas.

O instrumento questionou, ainda, se os estudantes apreciam as atividades de leitura propostas pelos professores. Entre os entrevistados, 20 disseram disse que sim, afirmando que gostam, porque aprendem com as atividades, aprimoram conhecimentos e pelo fato de as atividades serem interessantes e legais. Os estudantes que disseram não gostar das atividades, justificaram que não são leitores e por isso nem uma atividade com obra literária é interessante.

Com o intuito de descobrir se os professores, ao cobrarem leituras, estão evidenciando o prazer em ler é que se questionou se o tipo de avaliação na escola instiga a leitura ou pressiona. As respostas apontaram para um descontentamento com as atividades realizadas pelos professores, pois sempre há cobrança da leitura com as mesmas perguntas, o que provoca náusea e desestimula. Essa condição foi apontada por 176 estudantes.

No século XXI, na sociedade do conhecimento, há a necessidade de se auxiliar, enquanto mediador, na construção de "um cidadão leitor, leitor competente, sábio e crítico, que seja capaz de acessar por si próprio os textos [...] para poder selecionar as diferentes informações em diferentes suportes". (CERRILLO, 2017, p. 14, tradução nossa)[5]. A escola ainda está arraigada à concepção de que é papel do professor cobrar leituras literárias como forma de incentivar a formação de leitores.

No 7º ano, foram 237 estudantes participantes do questionário, com 182 do sexo feminino e com 12 anos em média. 180 gostam de ler e o restante não. Esses estudantes também gostam de ler, prioritariamente, livros literários. Alguns estudantes acrescentaram preferências diferentes das solicitadas, como curiosidades sobre computador, livros de *youtubers* e gibis. As temáticas priorizadas foram aventura e amor. Surgiram novas temáticas: *youtuber*, futebol, histórias reais e suspense.

A escolha por temáticas exploradas nas telas do computador sugere um tipo de estudante que busca, fora do ambiente escolar, suas leituras. É uma chamada aos professores que existe um "consumidor mais aparelhado, capaz de apreender o simultâneo e o múltiplo, processá-lo e decodificá-lo". (ZILBERMAN, 2012, p. 239). É importante que a escola traga esses suportes e essas leituras para o ambiente escolar para auxiliar o estudante na busca da informação e da interpretação do mundo que é visualizado na tela.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Em relação à quantia de livros lidos, 200 afirmaram ler 1 ou 2 livros por mês, o que é confirmado pelo número significativo de leitores. Os livros são retirados em bibliotecas e/ou são de propriedade particular. Quanto à avaliação realizada na escola, 10 estudantes concordam com o que é feito e 203 acreditam que a leitura não precisa ser cobrada como avaliação para que possa auxiliá-los na construção de conhecimentos e para ampliar sua competência de escrita. Além disso, comentaram que as leituras aceitas pelos professores são aquelas indicadas por eles e que não têm autonomia para escolher suas obras e/ou temáticas de sua preferência.

Depreende-se que os estudantes aliam a leitura à avaliação e a escolha à determinação do professor. Não há liberdade de escolha de leituras e nem de poder expor suas leituras e aprendizagens em sala de aula para professor e colegas. Sobre essa liberdade, Cerrillo (2017, p. 15) afirma que o ensino da literatura precisa ser entendido como um processo de 'educação literária' em que o professor exerce a função de mediador que pode até selecionar obras para leituras, mas também que aceita a trajetória de leitura do estudante.

No 8º ano, dentre os 225 estudantes, a metade da turma possui 13 anos e a outra metade 14. Muitos dizem que gostam de ler, consideram-se leitores, mas afirmaram ler em média 1 livro por mês. Os assuntos de sua preferência são aventura, terror e policial. Assinalaram que retiram livros nas bibliotecas, mas também compram livros. Os livros literários continuam sendo os preferidos. A concepção de que se é leitor quando se lê obras literárias, ainda está enraigado nesses estudantes.

Surgiu novamente a referência aos *youtubers* e o dado novo é a inclusão de mangás. Também, continuaram as avaliações negativas em relação às atividades de leitura proporcionadas pela escola, considerando as indicações de leitura como chatas, impositivas, repetitivas e que eles não podem escolher suas leituras. Novamente a presença da obra literária impressa predomina no momento da imposição pelo professor. Pela escolha por temáticas e gêneros, percebeu-se que os estudantes leem diversidades de textos e assistem a sagas, pois gostam de temáticas de terror e policial. Os professores não consideram o gosto e os hábitos de leitura em meio digital dos seus alunos e precisam da imposição da avaliação para que possam fazê-los lerem.

No 9º ano, os 204 estudantes possuem entre 14 e 15 anos. O número de adeptos à leitura é de 85, apesar de 57 consideram-se leitores. Os livros literários continuam sendo os preferidos retirados em bibliotecas ou de uso pessoal. Os assuntos destacados foram aventura,

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

terror e amor. Em relação às atividades propostas, 185 afirmaram que não gostam, porque não aprendem nada de novo, que as indicações de obras são infantis demais e que após a indicação vem a data da prova de leitura. Percebe-se que os estudantes leem, possuem livros em casa, mas a escola não os considera leitores, por não se adequarem às práticas desenvolvidas pelos professores.

Nessa etapa da escolaridade, surgiram informações novas em relação às leituras do momento como *youtubers,* diários e histórias reais, além da inclusão de livros de autoajuda como preferidos para ler. Dessa forma, houve críticas por 200 estudantes em relação à cobrança das leituras feitas pelos professores, pois essas temáticas não são exploradas na escola e nem consideradas leituras que auxiliam na formação do cidadão. A evidência, segundo Cerrillo (2017, p. 15 tradução nossa)[6], é de que se está diante de um novo leitor, que necessita da ajuda do mediador para conseguir escutar diferentes opiniões e contrastar ideias, que quer explicar o que é e o que sente, para entender o que "aconteceu em outros tempos e o que imagina que poderia ter acontecido, para poder entender que pertencia a uma coletividade pelas suas próprias marcas socioculturais". Esse processo o auxiliará a elaborar juízo crítico com liberdade.

A importância da leitura na era digital é enfatizada por Chartier e Chartier (2016, p. 62), que afirmam que o mundo digital apresenta uma nova técnica de composição, transmissão e apropriação da escrita, que pode "produzir uma nova modalidade de construção e comunicação do saber fundamentada no intercâmbio de conhecimentos, experiências e sabedorias". Os professores, muitas vezes, não utilizam essas novas linguagens em sala de aula e, se o fazem, é para explorar aspectos relacionados aos conteúdos escolares. Com isso, a interpretação, a percepção de diferentes sentidos não acontece.

Ressaltam, também, que "a leitura diante da tela é uma leitura descontínua, segmentada, ligada mais ao fragmento que à totalidade". (CHARTIER E CHARTIER, 2016, p. 68). O desafio para a escola é grande, uma vez que cada vez mais os estudantes, fora da escola, estão diante de textos não-lineares e fragmentados. Tornar-se leitor crítico e capaz de ter competência literária é um grande desafio à educação brasileira na contemporaneidade. Os professores não utilizam recursos tecnológicos em suas aulas, fazendo com que haja um distanciamento entre o conhecimento da escola e o conhecimento do estudante aprendido no meio digital.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

A aplicação do questionário evidenciou que os estudantes dos anos finais, do Ensino Fundamental, consideram-se leitores, apesar de lerem um livro por mês, geralmente imposto pelo professor. No entanto, para a escola essa prática leitora realizada no meio digital não é considerada válida, porque não gera conhecimento e nem incentiva a leitura.

Considerações

A proposta deste artigo foi discutir a formação de leitores literários no contexto tecnológico contemporâneo, a partir de uma investigação com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, de escolas públicas estaduais e municipais. Os objetivos nortearam a investigação, contribuindo com a explicitação da importância de se observar e entender a complexidade do pensamento ao se propor, também, ao leitor em construção, estratégias de leitura mais complexas. Defendeu-se a leitura como uma prática social que foi modificada pela revolução digital, provocando o surgimento de novos modos de ler e de novos leitores. Destacou-se, também, a importância do envolvimento do leitor com textos literários para o desenvolvimento das humanidades em seu processo de identificação.

Seguindo a tendência das modificações das diferentes áreas do conhecimento e das estruturas sociais pelo uso de recursos tecnológicos, a proposição do ensino híbrido se justifica pelo protagonismo dos estudantes nas práticas individuais e sociais em uma sociedade que se modifica pelo uso da tecnologia. Esse quadro sugere modificações na aprendizagem, observando o desempenho dos alunos no domínio da tecnologia, que pressiona o professor a modificar sua atuação na sala de aula, estendendo suas ações para outros momentos e outros espaços, em especial, o digital.

Os resultados apontaram que a leitura literária é aceita pelos estudantes, embora sem consciência plena das possibilidades que a literatura tem para aprimorar sua formação pessoal e profissional, enquanto cidadão autônomo, crítico, transformador. O que não está condizente com o gosto dos jovens, segundo suas declarações, é a maneira como a leitura é proposta pelos professores. É uma metodologia impositiva e avaliativa. Os estudantes, motivados pela crítica que desenvolveram, estão convictos de que lêem, mas não o que a escola exige. Dessa forma, é importante que ela seja um espaço de troca de conhecimentos, de ampliação de sua educação literária, em que se procura desenvolver estruturas de pensamento cada vez mais

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

complexas, dinamizando a utilização de aspectos cognitivos ao lado do aprimoramento da sensibilidade.

Os dados auferidos na investigação permitem que se defenda o uso da tecnologia como auxílio determinante no fortalecimento de competências que promovam a autonomia do estudante, a sua interação em grupos sociais heterogêneos e a utilização de instrumentos e recursos para qualificar-se nos cenários educacional, profissional, comunitário e pessoal. Subjaz ao desafio da educação na contemporaneidade, portanto, o desenvolvimento de diferentes tipos de leitor em um mesmo leitor, destacando o imprescindível uso das tecnologias nas práticas individuais, em sua formação e, consequentemente, em suas práticas sociais.

A partir dessas considerações visualiza-se o estudante como um ser conectado, que se apropria do uso de ferramentas e dos procedimentos que elas incorporam e, construindo com esses recursos uma identidade virtual pelo domínio da ambiência. É estimulado, portanto, a manifestar a sua voz na defesa de situações de aprendizagem interativas. Essa é a perspectiva de futuro para a aprendizagem em outros cenários que não seja somente o escolar. A evolução tecnológica e o desenvolvimento de plataformas móveis e de conexão sem fio permitem que o estudante continue avançando em sua formação fora da escola.

A possibilidade que o jovem, na contemporaneidade, possui de empreender trabalhos de campo, socializar reflexões, analisar coletivamente o mundo que o cerca com o auxílio das tecnologias digitais, está modificando seu processo de aprendizagem. As tecnologias possibilitam processar diferentes informações em formatos variados e de maneira integrada.

Assim, interatividade, hipertextualidade e multimobilidade revalorizam as linguagens e influenciam nas novas formas de ler e de escrever, nas novas práticas de leitura e de escrita, que se aprimoram em ambientes eletrônicos. O professor se vê obrigado a contatar, entender e utilizar as tecnologias digitais com o objetivo de ampliar os contextos de suas práticas pedagógicas para que consiga sair da alfabetização letrada para a alfabetização digital.

Educar na cultura digital supõe ensinar e aprender a participar de práticas sociais e culturais, mediadas de diferentes formas pelas tecnologias digitais. O currículo escolar precisa ser pensado não apenas na dimensão de que pressupõe a introdução de competências, conteúdos e a alfabetização digital no ambiente escolar. O desafio está em repensar o currículo que deve estar condizente com práticas sociais e culturais inerentes à sociedade da informação, da leitura e da escrita ética e ideológica.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

Cabe ao professor o desafio de aceitar que o surgimento das tecnologias de informação modificou o processo de aprendizagem. É necessário que o profissional aprenda a dominar e valorizar esse novo sistema de representação do conhecimento e a transforme em uma nova cultura da aprendizagem.

Nesse contexto digital, o papel do aluno modifica-se e ele passa a ser protagonista de sua aprendizagem. Ele não aceita mais que a escola, o currículo e os conteúdos estejam distantes da revolução tecnológica. Acredita-se que a mudança no processo de aprendizagem irá ocorrer pela voz do estudante, que cada vez mais distante da prática pedagógica, exigirá uma educação condizente com suas ações sociais.

Aposta-se que é o estudante, ao exigir que a escola desenvolva práticas de comunicação, relacionamento e socialização, além de cobrar mudanças na forma de buscar, criar, compartilhar, trocar informações consiga mudanças na educação e com isso maior qualidade na sua formação.

Notas

[1] Las personas se convierten en lectores cuando son capaces de explorar y descifrar un texto escrito asociándolo a las experiencias y vivencias propias. (CERRILLO, 2016, p. 10).

[2] Posibilita en el lector la construcción de un mundo imaginario propio, dando respuesta así a la necesidad de imaginar que tienen las personas, una necesidad básica en todas las edades. (CERRILLO, 2016, p. 14).

[3] Por medio de los ojos del escritor, es decidir de "otro", formas diferentes de expresar estados de ánimo comunes a todas las personas, sin diferencias de condición, raza, cultura, lengua o ideología. (CERRILLO, 2016, p. 19).

[4] Leer es vivir. Escribir también es vivir y, además, sentirse vivo; en ambos casos porque compartimos mundos, como emisores o como receptores. Leer y escribir son fuentes inagotables de conocimiento, pero también lo son, al menos en la misma medida, de libertad: hacen posible el ejercicio de la libertad individual, por medio de la que pensamos, imaginamos, soñamos, respondemos, cuestionamos o protestamos frente un posible "orden establecido", y compartimos o disentimos de los pensamientos, imágenes, sueños, respuestas, o cuestionamientos que han hecho quienes escribieron lo que leemos; nadie controla ni puede controlar nuestro ejercicio lector o nuestra práctica escritora. (CERRILLO, 2016, p. 150).

[5] Un ciudadano lector, lector competente, juicioso y crítico, que sea capaz de aceder por sí mismo a los textos [...] para discriminar la abundante información que se le ofrece a diario en distintos soportes. (CERRILLO, 2017, pg. 14).

[6] Lo que sucedió en otro tempo y lo que le hubiera gustado que nunca sucediera, y tendrá consciencia de su pertinencia a una colectividad con sus propias marcas socioculturales. (CERRILLO, 2017, p.15).

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido***:* personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

CERRILLO, Pedro Cesar. **El lector literário.** México: FCE, 2016.

CERRILLO, Pedro Cesar; ORTIZ, César Sánchez. Educación y "competencia" literarias (sobre La formación del lector literário). In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; SÁNCHEZ, César Ortiz (Orgs.). **Literatura em Debate,** v. 11, n. 21, p. 6-19, jul./dez. 2017.

CHARTIER, Roger; CHARTIER, Anne-Marie. Conferência a duas vozes**.** In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker (Org.). **Literatura e identidade na era da mobilidade.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 59-87.

COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual:** aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FFIELD, Mary. Aprendizagem ativa na educação infantil. In: VICKERY, Anitra [*et. al*.]. **Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental.** Porto Alegre: Penso, 2016.

HORN, Michael; STAKER, Heather. **Blended:** usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**.** Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

_____. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.** Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. 180p. Disponível em: < http://www.youblisher.com/p/1121724-Colecao-Midias-Contemporaneas-Convergencias-Midiaticas-Educacao-e-Cidadania-aproximacoes-jovens-Volume-II/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

NOGARO, Arnaldo; CERUTTI, Elisabete. **As TICs nos labirintos da prática educativa.** Curitiba: CRV, 2016.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos:** por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. Pacto universitário: leitura e leitores em convergência. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker (Org.). **Literatura e identidade na era da mobilidade.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 155-171.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). **Leitura:** história e ensino. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques (Orgs.). **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

_____. **A formação do professor e a questão da leitura.** Passo Fundo: Ediupf, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. **Literatura e identidade na era da mobilidade.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016, p. 91-106.

_____. ***Comunicação ubíqua:*** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. 5. ed. São Paulo: Paullus, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação.** Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2017.

VALENTE, José Armando. O ensino híbrido veio para ficar. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

VICKERY, Anitra. **Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

_____. **A leitura e o ensino de literatura.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

_____. Livros digitais para crianças e práticas de leitura. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker (Org.) **Literatura e identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 13-30.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.

_____. Os suportes “suportam o mundo?”. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker (Org.). **Leitura: história e ensino.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 259-280.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira:** uma nova outra história. Curitiba: PUCPress, 2017.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 3-30, jul./dez. 2020.
Recebido em: 10 set. 2020.
Aceito em: 13 out. 2020.